

PASSEMOS PARA A OUTRA MARGEM

(Mc 4,35)

MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA PARA O MUNDO DE HOJE

COMUNICANDA

2025



PASSEMOS PARA A OUTRA MARGEM

(Mc4, 35)

*Missionários da esperança para o mundo de hoje
Communicanda 2/2025*

Passemos para a outra margem (Mc 4,35)

Título original: “Let us cross over to the other side” (Mc 4:35)

Communicanda 2/2025

Prot. N° 0000 193/2025

Roma, 1° de outubro de 2025

Imagem da capa: IA – Gemini

Design: Ir. Fernando Batista Cordeiro, C.Ss.R.

Diagramação: Pe. Edward Julián Chacón Díaz, C.Ss.R.

Imagens internas: IA – Gemini

SUMÁRIO

Introdução	5
I. O apelo à conversão missionária	12
II. Conversão social e ecológica	17
III. Evangelizar em e por meio do continente digital	19
IV. Sair em obediência à missão	20
V. Missionários da esperança	23
VI. Reimaginar o dinamismo missionário e o diálogo com o mundo	26
VII. Em fidelidade criativa.....	28
VIII. Uma missão compartilhada com os leigos	31
IX. Maria, icone do discipulado missionário.....	35
Conclusão	37

E disse-lhes naquele dia, ao cair da tarde: “Passemos para a outra margem. Deixando a multidão, eles o levaram, do modo como estava, no barco; e com ele havia outros barcos. Sobeveio então uma tempestade de vento, e as ondas se jogavam para dentro do barco e o barco já estava se enchendo. Ele estava na popa, dormindo sobre o travesseiro, eles o acordam e dizem: “Mestre não te importa que pereçamos?” Levantando, conjurou severamente o vento e disse ao mar: “Silêncio! Quietos!” Logo o vento serenou, e houve grande bonança. Depois, perguntou: “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?” Então ficaram com muito medo e diziam uns aos outros: “Quem é este a quem até o vento e o mar obedecem?”

(Mc 4, 35-41)

INTRODUÇÃO

Saudações, queridos confrades, formandos, irmãs, colaboradores na missão e toda a Família Redentorista:

1. Inspirados pelo Ano Jubilar da Esperança, o Ano dedicado à Missão, o Jubileu que comemora o 300º aniversário do nascimento de São Geraldo, o fato de que estamos às portas do 300º aniversário da fundação da Congregação do Santíssimo Redentor, junto com o processo em curso de reestruturação e reconfiguração para a missão, e à luz das transformações que estão acontecendo atualmente em diferentes partes do mundo, ao ler os sinais dos tempos, somos convidados a «passar para a outra margem...».

2. Esta *Communicanda* é precedida de dois textos preparatórios publicados pelo Secretariado para a Evangelização: *Um carisma na história* e *Reimaginar a nossa missão em um mundo em mudança*. O texto bíblico inspirador é: «Passemos para a outra margem» (Mc 4, 35). Em seguida à publicação desta *Communicanda*, as comunidades receberão um subsídio que as ajudará a rezar e a refletir juntos sobre a nossa missão.
3. A Congregação é missionária por natureza e o expressa por meio das diferentes áreas de nosso apostolado: o serviço pastoral aos sacerdotes, as missões populares, o ministério paroquial e os santuários, a instrução catequética, os retiros, a promoção da justiça e do desenvolvimento humano, os meios de comunicação, o estudo da teologia moral e o acompanhamento espiritual, tudo isto devendo adaptar-se às necessidades pastorais (cf. Const. 1-20, 46-55, 77-90, 96; Est.09-025). Toda a nossa obra missionária se baseia em nossa consagração a Cristo Redentor, que unifica toda a nossa vida na caridade apostólica e faz com que todos os redentoristas sejam verdadeiramente missionários. Com este fim, formamos comunidade e recebemos uma formação inicial e permanente, orientada a preparar autênticos apóstolos ao serviço da Igreja. Do mesmo modo, a organização e as estruturas da Congregação estão ao serviço da missão, procurando que em todas as expressões pastorais e comunitárias se manifeste o caráter missionário, como a própria razão da existência da Congregação.
4. Buscando ler os sinais dos tempos, o XXVI Capítulo Geral adotou a *liminalidade* como categoria arquetípica de nosso

tempo, que afeta profundamente nossa missão. *A liminalidade é o lugar onde já não nos sentimos seguros, porque ali experimentamos impotência, incompreensão e ansiedade. Trata-se de um espaço ao qual chegamos sem tê-lo buscado, mas no qual descobrimos inúmeras possibilidades. É, além disso, o lugar que nos faz experimentar o «estar em casa», porque ali se encontram os pobres e os abandonados. Neste sentido, a liminalidade pode ser para nós hoje sinônimo de Scala, onde podemos reviver a intuição carismática original de Santo Afonso e o frescor sempre novo do Evangelho (cf. *Evangelii Gaudium*, 11).*

5. O XXVI Capítulo Geral indicou «que o Governo Geral, mediante uma *Communicanda*, encontros, cursos ou outros meios, ofereça diretrizes sobre como resgatar e fortalecer nossa Identidade Missionária Redentorista, levando em conta a nossa casa comum, a justiça social e a missão compartilhada» (XXVI Capítulo Geral, Diretriz 1). Em resposta a isto, esta *Communicanda* sobre a missão se dirige aos confrades, formandos, colaboradores na missão e a toda a Família Redentorista. Nossa missão atual enfrenta numerosos desafios que nos interpelam a reimaginar a missão redentorista. O contexto em que nasceu a Congregação era marcado por fortes tensões políticas e culturais. Hoje, além dessas tensões e polarizações, e do enfraquecimento da democracia, vivemos um tempo de liminalidade no qual começa a surgir um rosto renovado da Congregação.
6. Portanto, esta *Communicanda* tem como objetivo recordar-nos que Cristo, o Redentor, é nosso centro e ponto de referência (cf. Jo 14,6; Jo 15,4-12; 1Cor 12,4-27). Ele é o

evangelizador dos mais pobres e abandonados. A base, os objetivos e os destinatários de nossa missão estão definidos nas Constituições e Estatutos Gerais da Congregação, onde se estabelece que, segundo o espírito e a intuição de Santo Afonso, os missionários só serão verdadeiramente redentoristas se tiverem o Cristo e os pobres no coração, e se viverem e agirem como colaboradores de Cristo Redentor numa comunidade apostólica (Const. 2).

7. O propósito desta *Communicanda* é convidar-nos a reimaginar a nossa missão no mundo atual, revitalizando a nossa *Vita Apostolica*. Para ser discípulos missionários de Cristo não basta conhecê-lo ou escutá-lo; devemos torná-lo conhecido vivendo de um modo que revele ao mundo o sabor e a luz do seu Evangelho, como ele mesmo afirma: «Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo» (Mt 5,13-15; *Communicanda* 1/2024). Temos de permanecer abertos à ação do Espírito Santo, pois, «segundo a intuição de Santo Afonso, a missão ocupa um lugar central em nossa vida e em nossa identidade» (XXVI Capítulo Geral, Documento Final 24). Neste sentido, esperamos que esta *Communicanda* nos recorde que a missão redentorista de hoje é chamada a ser uma missão compartilhada com os leigos.
8. A missão, a comunidade e a espiritualidade constituem os três pilares de nossa identidade redentorista. «A missão de Cristo Redentor», que é a missão de Deus, é a própria razão da nossa consagração como redentoristas (cf. Const., cap. 3). A Congregação existe por causa da missão de Cristo, que se expressa em nossas Constituições com o termo *Vita*

Apostólica, que compreende, a um só tempo, a vida especialmente dedicada a Deus e a obra missionária dos redentoristas (cf. Const. 1). Nesta linha, somos chamados a «continuar a presença de Cristo e sua missão redentora no mundo» (cf. Const. 23).

9. Mas este é só o primeiro passo do que há de vir a ser um olhar amoroso e constante sobre a nossa situação atual, que nos ajude a discernir como avançar em direção a uma resposta cheia de esperança. Reimaginar nossa missão redentorista implica melhorar o que já realizamos ou aperfeiçoar os sistemas existentes (cf. *Fratelli Tutti*, 7). No entanto, as *novas estruturas para a missão requerem também um novo espírito missionário*. Neste sentido, resulta significativo o trecho evangélico que narra a tempestade no mar, citado no início desta *Communicanda*. Seguindo a orientação do XXVI Capítulo Geral, neste documento queremos analisar o contexto em que vivemos e como ele impacta a nossa identidade e missão (cf. XXVI Capítulo Geral, Diretriz 2). Isto nos levará a reimaginar nossa missão em um mundo em mudança e flúido, e a propor com valentia novas formas de fazer missão hoje em dia.
10. Hoje escutamos o apelo do Senhor: «Passemos para a outra margem». Reconhecemos que não atravessamos sozinhos no meio dessa turbulência, pois à nossa frente vai o Cristo Redentor, diante do qual o vento e o mar se calam. Para a Família Redentorista, o convite a «passar» significa muito mais do que uma simples ação a realizar: nos recorda que a iniciativa é de Cristo e que somos chamados constantemente a uma participação mais plena, profunda e

vital no mistério pascal. Ao passar das velhas formas e modos de agir para o novo, se fortalecem e se despertam novas dimensões da mobilidade carismática de nossa Congregação.

11. O convite de Jesus a «passar para a outra margem» é sempre um chamado a dar um salto de fé, a pôr nele toda a nossa confiança. Supõe deixar a segurança da terra firme e aventurar-nos no mar da vida, onde a barca da comunidade cristã navega entre tormentas e momentos de calma. *A missão não se realiza em portos tranquilos, e sim em águas agitadas, onde a fé é provada cada dia em meio às ondas que sacodem nossa barca. Esta travessia é pascal: uma passagem do medo à fé, da dúvida à esperança, da teoria à prática, da morte à ressurreição.* A «outra margem» torna-se imagem de uma Igreja em estado de êxodo, sempre a caminho, sem medo do mar tempestuoso, chamada a descobrir o novo, o que ainda não existe, a promessa que só se alcança com a coragem de passar, acompanhados do Redentor, inclusive quando parece adormecido. E quando o vento serena e o mar se acalma, descobrimos que a esperança é possível: passada a noite, sempre amanhece. «Passar para a outra margem» é sonhar e atrever-se, deixar-se conduzir por uma esperança maior que as ondas, crer que inclusive o mar bravo pode tornar-se um espelho de calma sob o olhar do Redentor. *Com Ele passamos para a outra margem com fé robusta, esperança alegre, ardente caridade e zelo inflamado, sendo humildes de coração e perseverantes na oração, dispostos a tudo o que for árduo para levar a todos a copiosa Redenção de Cristo (cf. Const. 20).*

12. «Passemos para a outra margem» (Mc 4, 35) é um apelo de Cristo à Família Redentorista para reimaginar e renovar nossa missão hoje, numa atitude de conversão contínua, abertos às periferias, ao compromisso ecológico, à presença digital, à missão compartilhada com os leigos e à fidelidade criativa ao carisma de Santo Afonso, para sermos verdadeiros Missionários da Esperança. E nos perguntamos: Nossos modos e formas atuais de proceder respondem realmente às necessidades das pessoas e aos desafios deste tempo em que vivemos nossa missão redentorista?



I. O APELO À CONVERSÃO MISSIONÁRIA

13. A Igreja se compreende a si mesma num estado permanente de missão, numa abertura radical ao Espírito Santo, verdadeiro Guia de suas ações. As Constituições descrevem nossos centros missionários redentoristas como «uma realidade em contínuo desenvolvimento que deve renovar-se interiormente» (cf. Const. 40), afim de responder os novos desafios missionários que surgem com o tempo. Partindo de uma perspectiva missionária, essa «renovação a partir de dentro» implica abraçar o sonho do Papa Francisco de “uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27). É um chamado à conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão (cf. EG, 25), *evitando qualquer forma de apego ao passado. Não temos outra opção senão responder: assim no-lo exige essa mudança de época em que nos encontramos.*
14. *Essa opção missionária pressupõe, antes de tudo, um encontro pessoal com Cristo Redentor e uma conversão contínua e permanente a Ele. Todos os membros de nossa Família Redentorista, tanto professos como leigos, são chamados a essa conversão de coração e mente. Em consequência, cada um deve refletir sobre a qualidade de sua relação com o Redentor, para discernir de que maneira o pecado pode estar afetando seus vínculos com Deus Criador, consigo mesmo, com os outros e com as demais criaturas. Uma interpretação contemporânea da missão*

redentorista pode compreender-se como uma missão caracterizada por evangelizar e, ao mesmo tempo, deixar-nos evangelizar pelos mais abandonados. No encontro com o outro, também nós somos evangelizados.

15. Portanto, o caminho de renovação da missão redentorista exige acolher o chamado à conversão pessoal e comunitária. Só então as estruturas que sustentam nossa missão poderão responder de modo adequado aos desafios de hoje. Só assim, quando nossa proclamação se torna fidedigna por meio de nossa própria conversão, poderemos esperar frutos de conversão no mundo. Só deste modo a Congregação poderá tornar-se um canal fecundo para a missão, e nosso proceso de reestruturação deixará de ser um simples mecanismo de autoconservação (cf. EG, 27). Neste sentido, convém recordar as palavras do Pe. Lasso: «Existe o perigo de nos considerarmos como já convertidos e salvos, querendo desta forma livrar-nos da necessidade de conversão e de mudança» (*Communicanda* 4, 1986). Diante desse desafio, a resposta é clara: vivamos a missão, convertamo-nos em missão, sejamos missão, porque é a missão que renova nossa identidade como cristãos e religiosos (cf. RM, 2).
16. Essa conversão é, ao mesmo tempo, pessoal e comunitária. Abrange também a transformação das estruturas e dos esquemas mentais que condicionam nossas ações. É uma conversão que gera relações fraternas (cf. Const. 23), que promove a vida em todas as suas dimensões e que torna visível a comunhão com Deus e com as criaturas. Nossas Constituições nos recordam de maneira constante a

necessidade de uma conversão de atitudes, de nosso estilo de vida e de nossa resposta no serviço apostólico, «porque a conversão do coração e a renovação constante de seus critérios» devem caracterizar a vida de cada membro da Congregação (cf. Const. 41).

17. Essa conversão nos abre ao Redentor e à sua ação em nossa vida e em nossas comunidades, tornando possível que «seus filhos e filhas profetizem, seus jovens vejam visões e seus anciãos tenham sonhos» (Jl 3,1). Como meio para alcançar essa revitalização, convidamos todos os membros de nossa Família Redentorista a renovar seu compromisso com a conversão permanente e com a formação contínua. Isso pode concretizar-se em experiências comunitárias como retiros, jornadas de reflexão e tempos de discernimento missionário e apostólico, tal como propõe o Documento Final do XXVI Capítulo Geral, especialmente na seção dedicada à Formação Redentorista para a Missão.
18. Com humildade devemos reconhecer que o distanciamento de muitas pessoas em relação à nossa missão se deve, com frequência, tanto à falta de conversão pessoal e comunitária como às limitações de nossa metodologia missionária. Continuamos a utilizar a mesma linguagem, a mesma teologia e os mesmos enfoques pastorais que foram desenvolvidos para contextos rurais e de pequenas cidades, onde os fiéis eram mais numerosos, e tentamos aplicá-los em ambientes urbanizados, multiculturais e religiosamente diversos. Essa situação nos interpela a reformular nossa linguagem, nossa

espiritualidade pessoal e comunitária, assim como a investir numa formação inicial e permanente que nos prepare para buscar novos modelos conceituais e metodológicos, de modo que nossa missão possa dar frutos. Um exemplo evidente é nossa dificuldade para encontrar uma linguagem capaz de cativar os jovens, tocar seus corações e vinculá-los à comunidade de um modo que fomente a participação e a perseverança na fé. Neste sentido, nossas instituições educativas redentoristas podem vir a ser verdadeiros centros de evangelização e de formação da consciência juvenil. Não terá chegado a hora de nossas comunidades, (vice)províncias, regiões e missões redentoristas se deterem e refletirem seriamente sobre esse desafio de «passemos para a outra margem»? Acaso não deveria ser essa uma preocupação central de nossa formação permanente?

19. Outros desafios que marcam nossa reflexão atual sobre a missão incluem a necessidade de ampliá-la rumo a uma perspectiva verdadeiramente intercongregacional e ecumênica. Embora em muitos contextos nossa missão compartilhada com os leigos esteja bem articulada e consolidada, resta ainda um caminho promissor no fortalecimento do diálogo ecumênico e interreligioso, particularmente num mundo plural marcado por tensões culturais e espirituais. Além disso, a cooperação com outras congregações de carismas afins pode enriquecer profundamente a vivência e a expressão de nosso próprio carisma, favorecendo uma presença missionária mais encarnada, sinodal e profética. Essa abertura requer

humildade, escuta mútua e disposição para construir pontes (cf. Papa Leão XIV), superando as visões isoladas e fragmentadas da missão. *Só assim poderemos, juntos, responder com maior criatividade e fidelidade aos clamores do povo de Deus e aos desafios pastorais de nosso tempo.*



II. CONVERSÃO SOCIAL E ECOLÓGICA

20. O horizonte da missão redentorista se amplia, chamando-nos a uma nova consciência de que a imagem da Redenção é sempre mais vasta do que qualquer formulação que possamos construir por nós mesmos. Com frequência ficamos fechados e limitados por um antropocentrismo que estreita nosso olhar. A Redenção, por sua vez, possui um alcance cósmico que nos abre ao assombro, a deixar-nos evangelizar pelas maravilhosas obras de Deus na criação e a maravilhar-nos com as múltiplas maneiras como a obra de Cristo Redentor toca cada pessoa, cada criatura e toda a criação. Por isso, urge uma autêntica conversão ecológica, que por sua vez está intrinsecamente vinculada a uma conversão social. Com efeito, se os membros de uma sociedade não tomam consciência da criação, do cuidado mútuo e da responsabilidade para com as gerações futuras, a conversão ecológica se transforma num desafio.

21. A conversão ecológica foi um dos eixos centrais do pontificado do Papa Francisco, especialmente desde a publicação da encíclica *Laudato Si'*, onde exorta toda a Igreja a integrar o cuidado da criação em sua missão evangelizadora. Para o Papa Francisco, a crise ecológica é também uma crise espiritual e pastoral que exige uma resposta missionária concreta. Nesse horizonte, a missão da Igreja não se limita a proclamar a Palavra, mas se expressa também no testemunho de um estilo de vida simples, solidário e sustentável, capaz de despertar a

consciência ecológica e social no seio das comunidades. *Por isso a pastoral ecológica deve promover iniciativas educativas, celebrações litúrgicas que integrem a dimensão da criação e um compromisso ativo com a defesa da vida e da dignidade de todos os seres. A conversão ecológica é, ao mesmo tempo, um apelo à santidade e um desafio missionário urgente em nosso tempo.*

22. Essa conversão ecológica potenciará todas as consequências do encontro com o Redentor em nossa relação com o mundo criado (cf. LS, 217). Uma verdadeira conversão missionária implica também escutar as sensibilidades do mundo atual para descobrir formas novas e criativas de compartilhar nosso patrimônio espiritual e teológico e, ao mesmo tempo, deixar-nos transformar por elas. O dinamismo de nosso carisma nos permite entrar em diálogo com o humanismo secular contemporâneo, reconhecendo que compartilhamos com ele, entre outros valores, o apreço pela dignidade da pessoa humana e o cuidado da criação. Desse modo, poderão abrir-se novos campos de missão que nos permitam renovar nossa vocação como administradores da criação e encontrar modos cada vez mais significativos de proclamar a Boa Nova da copiosa Redenção. Fazemos um apelo a toda a Família Redentorista, com o dom de nosso patrimônio em Teologia Moral, a comprometer-se em novas áreas de investigação e no diálogo ecumênico e interreligioso, afim de enriquecer e servir a nossa crescente consciência das dimensões ecológicas da Redenção.

III. EVANGELIZAR EM E POR MEIO DO CONTINENTE DIGITAL

23. Num tempo em que o continente digital se consolida como um espaço decisivo da experiência humana, a missão redentorista é chamada a reconhecê-lo de maneira intencional como um lugar tanto teológico como pastoral. As redes sociais não são simples ferramentas de comunicação, mas verdadeiras *ágoras* onde se desenvolve a vida concreta de milhões de pessoas, especialmente jovens e excluídos, muitos dos quais permanecem invisíveis para as estruturas convencionais da sociedade e da Igreja. Fiéis ao nosso carisma de proclamar a copiosa Redenção aos mais abandonados, somos desafiados a habitar essa área com audácia missionária, discernimento evangélico e sensibilidade pastoral. *Evangelizar nesse âmbito não significa reproduzir conteúdos religiosos, e sim dar testemunho autêntico da proximidade libertadora de Cristo mediante uma presença compassiva, uma escuta atenta e uma linguagem encarnada. A missão digital não é secundária nem periférica: constitui uma fronteira concreta onde a fé se encontra com novas formas de sofrimento, com a busca de sentido e com a sede de esperança. Ignorar essa realidade seria trair tanto os clamores do nosso tempo como a lógica mesma da Encarnação na missão redentorista.* Por isso, dedicar uma atenção específica e estratégica à evangelização no campo digital enriquece profundamente nossa compreensão da missão hoje, abrindo-nos ao apelo do Espírito que também sopra nas periferias digitais do mundo contemporâneo.

IV. SAIR EM OBEDIÊNCIA À MISSÃO

24. «A reestruturação é para a missão» não é um simples *clichê*, mas um verdadeiro dom do Espírito Santo que expressa a abertura radical ao Evangelho própria de nossa *Vita Apostolica*. Livra-nos e nos faz disponíveis para a missão, evitando que fiquemos presos em nossas estruturas ou «na forma em que sempre temos feito as coisas». Nossas Constituições nos exortam a não «nos instalarmos» em condições ou estruturas onde a nossa atuação já não seria missionária (Const. 15). Essa é a «saída missionária» da qual falava com frequência o Papa Francisco, e que nos impulsiona a «passar para a outra margem» e a ir para as periferias. Se queremos viver essa abertura radical ao «sair» constante, temos de pensar formas sempre novas de anunciar o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15; EG, 20). A espiritualidade dinâmica do êxodo (cf. EG, 21) nos chama a abraçar este «ir mais além» e a aceitar a aventura com seus riscos. Sabemos que nessa travessia do êxodo há incertezas, mas é sempre melhor ser «uma Igreja acidentada, ferida e manchada por sair à rua, do que uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de apegar-se às próprias seguranças» (EG, 49).
25. Devemos situar nossa missão no âmbito da reestruturação e da reconfiguração, ressaltando antes de tudo a necessidade de promover o *desenvolvimento* da missão. A reestruturação existe para a missão: as novas estruturas estão destinadas a favorecer seu crescimento e dinamismo. Convidamos todas as Unidades a discernir os novos rostos

dos pobres e as formas emergentes de pobreza, afim de promover iniciativas e ministérios renovados. A reconfiguração é, com efeito, tanto uma força como uma ponte que nos impulsiona a passar para a outra margem e a encontrar-nos com novas realidades e pessoas.

26. Uma Congregação em saída será necessariamente uma Congregação mais carismática que estruturada. Isto não significa ignorar as estruturas: elas são importantes, mas somente na medida em que servem à missão, e não o contrário. Significa, sim, que depositamos nossa confiança no poder do Espírito Santo, que vivifica as comunidades e faz com que seus membros sejam diligentes em seu serviço a Deus, à Igreja e ao mundo. A missão nos situa sempre numa atitude de saída e nos impede de cair na chamada «introversão eclesial» (EG, 27). Essa abertura permitirá à Congregação superar as estruturas clericais que hoje já não são eficazes para o serviço da missão. *Fazemos um apelo a todos os redentoristas para explorarem caminhos e meios que permitam aos leigos colaboradores participar mais plenamente em e para a missão. Isso implica também abrir-nos a novas formas de compartilhar o carisma, de modo mais livre e generoso, com os leigos e com outras Congregações afins, acolhendo o enriquecimento que seus carismas particulares podem trazer ao nosso.*

- Nossas estruturas atuais favorecem realmente a vivência de nossa missão redentorista ou, ao contrário, a dificultam?

- Por que a mudança de estruturas desperta com tanta frequência medo e resistência em nós?
- Que precisamos transformar para que a missão seja mais fecunda e eficaz?



V. MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA

27. A Família Redentorista se alimenta da fé, da esperança e da caridade, porque nossa missão está marcada pelos sinais, já presentes, da irrupção do Reino de Deus, horizonte último de nossa esperança. Para os redentoristas, a missão é nosso modo de ser e de estar no mundo, uma realidade que nos impele sempre para o futuro. Ao mesmo tempo, é uma experiência dinâmica que não deixa espaço ao pessimismo, à inércia ou à resignação, porque brota do encontro vivo com o Redentor. Esse encontro se apoia numa esperança alegre (Const. 20), lúcida e inesgotável, que não decepciona (Rm 5,5; Const. 81; *Spes non confundit*, Papa Francisco). É a esperança de quem sabe bem em quem pôs sua confiança (2 Tm 1,12).
28. Ante as realidades de nossa missão em um mundo secularizado, podemos cair em três tentações: ficar apegados à nostalgia do passado, sucumbir ao pessimismo do presente ou paralizar-nos ante a incerteza do futuro. Nenhuma dessas atitudes é válida para nós, porque nenhuma oferece um caminho para a renovação de nossa missão nem de nossa identidade missionária. Nossa Congregação é uma realidade histórica, mas também escatológica; por isso, sabemos que somos chamados a sermos administradores da multiforme graça de Deus (1Pd 4,10), recebida em nosso carisma, e a seguir construindo o futuro que já está presente como semente. Vivemos nosso carisma hoje na espera confiada de «um novo céu e uma nova terra» (Ap 21,1). Essa tensão esperançada constitui

parte essencial de nosso anúncio e de nossa identidade missionária: somos missionários da esperança que continuam os passos do Redentor. É essa esperança que nos permite ver a crise como uma oportunidade para discernir como anunciar de novo o Evangelho.

29. A dinâmica da esperança proclama que a morte não terá a última palavra e que a injustiça e o sem-sentido nunca poderão vencer a vida abundante e a Redenção plena de Jesus Cristo. Os destinatários privilegiados dessa vida e dessa redenção são os pobres e os mais abandonados, entre os quais hoje reconhecemos também a Terra, nossa Casa Comum. Somos chamados à plenitude de uma vida em abundância; por isso, não nos conformamos com conservar o presente, mas nos empenhamos em construir o futuro como sinal de esperança para os pobres e os empobrecidos (Const. 65). O mundo espera que lhe seja mostrado o caminho para a verdadeira felicidade, o modelo de humanidade e o sentido da existência que só se pode encontrar em Jesus Cristo Redentor, modelo do ser humano perfeito. Nós o encontramos e não podemos ocultá-lo de maneira egoísta: o acolhemos e o anunciamos com a nossa palavra e com a nossa vida.
30. À luz da crise de esperança que discernimos, queremos ressaltar a importância da Diretriz n. 12 do XXVI Capítulo Geral, que convida a Congregação a examinar novas formas de proclamação explícita do Evangelho por meio da pregação missionária itinerante, propondo uma metodologia missionária adequada para o contexto urbano e para a realidade concreta em que vivem as pessoas.

31. Como podemos ser «sinais tangíveis de esperança» em um mundo que parece viver sem horizontes, cada vez mais secularizado e consumista, e ao mesmo tempo ameaçado pela tragédia da guerra e da degradação da criação?

Como se manifesta a esperança, como virtude comunitária, na vida cotidiana de nossas comunidades locais?

Nosso apostolado missionário consegue ser um espaço onde os pobres e marginalizados descubrem e experimentam a esperança?



VI. REIMAGINAR O DINAMISMO MISSIONÁRIO E O DIÁLOGO COM O MUNDO

32. Essa *Communicanda* é um apelo à comunhão na missão, no coração de um mundo em contínua mudança. Somos enviados a proclamar a Boa Nova da Redenção abundante a esse mundo e nesse mundo (cf. Const. 19). Nossa missão está, portanto, ao serviço do Evangelho de Jesus Cristo, começando sempre pelos mais abandonados. Os sinais da ação do Espírito em nós, assim como a credibilidade de nossas palavras, se expressam em nossa disponibilidade para a missão de Cristo e na fidelidade com que mantemos Cristo e os pobres no centro de nossa vida como missionários. Essas foram também as duas grandes paixões de Santo Afonso. Essa missão exige de nós um coração aberto para escutar e dialogar com esse mundo em mudança, e nos convida a cultivar um profundo sentido de comunhão entre as testemunhas e portadores do Evangelho.
33. Essa missão requer, em última instância, simplicidade de vida e de linguagem, junto com um sentido realista e adequado da realidade, para oferecer aos mais abandonados os meios de salvação em Jesus Cristo. Somos apóstolos da conversão dos corações (Const. 11) e «formadores de consciências», enviados ao mundo e especialmente aos mais abandonados (Const. 4). Mas, de fato, nos sentimos suficientemente orientados para eles? Escutamos de maneira autêntica seus clamores? Estamos realmente dispostos a entregar nossa vida para construir

com eles o Reino de Deus? Esta é, segundo as nossas Constituições, a própria razão de nossa existência na Igreja (Const. 5).

34. Essas perguntas nos desafiam a redescobrir nossa caridade apostólica e pastoral, mediante a qual o Espírito de Deus nos impele para os mais necessitados do Evangelho e do próprio Cristo (Const. 48; 52). Esse carisma missionário resplandece, de maneira exemplar e profética, na vida dos santos, beatos e mártires da Congregação. Com seu zelo missionário quase irresistível, foram movidos a ser presença de Cristo e a levar sua mensagem de esperança aos mais abandonados.

- De que maneira podemos reimaginar nosso carisma em diálogo com o mundo, permanecendo fiéis à nossa identidade?
- Quais dons, desafios ou intuições nos oferece o mundo que podem ajudar-nos a aprofundar e enriquecer nossa missão hoje?
- Como pode nossa formação redentorista capacitar-nos melhor para lermos os sinais dos tempos e responder a eles com criatividade evangélica?

VII. EM FIDELIDADE CRIATIVA

35. Continuar o Cristo, o evangelizador dos pobres de hoje, exige de nós uma fidelidade criativa que nos permita viver mais plenamente o carisma e a espiritualidade da Congregação do Santíssimo Redentor, com abertura e docilidade à ação do Espírito Santo. Recordamos as palavras que Deus pronunciou por meio do profeta Isaías: «Eis que farei uma coisa nova, ela já vem despontando: não a percebeis?» (Is 43,19). Para seguir docilmente a novidade do Espírito, somos chamados a interrogar-nos sobre essa fidelidade criativa na missão. Esse espírito novo nos impulsiona a contemplar as diferenças culturais, as fronteiras e os limites não como obstáculos nem como simples pontos de partida, e sim como desafios a enfrentar e, ao mesmo tempo, como oportunidades novas a acolher, valorizar e explorar.
36. Os modos, formas e métodos de nossa proclamação da Boa Nova são diversos (cf. Est. 016–025). Todavia, o documento de trabalho do XXVI Capítulo Geral constatava que a força missionária da Congregação, mais de 70 % de seus membros disponíveis, se concentra nas paróquias. Isso nos interpela a reimaginar a paróquia e a explorar suas potencialidades. O Documento *Lineamenta para manter o caráter redentorista em nossas igrejas, paróquias e santuários* (2021) nos convida a fazer de nossas paróquias verdadeiros lugares de acolhida e de encontro com o Redentor. Com renovado vigor missionário, elas podem e devem tornar-se autênticos instrumentos de evangelização

para os pobres e os abandonados. Para tanto, será necessária uma mudança de enfoque: uma reinterpretação das possibilidades e das atividades de nossas paróquias e outros centros missionários, de modo que possamos responder de maneira mais eficaz aos desafios da missão no mundo atual.

37. Sabemos que, como redentoristas, a pregação, tanto nas missões populares como em outros meios de proclamação, é nossa forma preferida de anunciar o Evangelho a todas as culturas, em todos os tempos e lugares. Esse chamado, recebido por meio de nosso Fundador e das gerações de redentoristas que nos precederam, nos urge a discernir os meios e modos de adaptar-nos aos sinais dos tempos. Necessitamos atualizar constantemente nossa linguagem e nosso enfoque pastoral e missionário, revisá-los e ajustá-los para que sejam mais eficazes (Const. 14), afim de oferecer uma resposta missionária autêntica às situações concretas e aos desafios do mundo de hoje.
38. Onde reina Deus, há comunhão e unidade, porque seu Espírito une os corações (Const. 23). Com esse mesmo espírito devemos acolher e reconhecer nosso processo de reestruturação para a missão, como um caminho autenticamente a serviço da missão. Na realidade, trata-se de um chamado a uma maior generosidade, colaboração e solidariedade entre as Unidades e entre as Conferências, favorecendo um intercâmbio mais amplo de competências e de pessoal, mais além dos limites de cada Unidade e inclusive de cada Conferência, com uma disponibilidade renovada para a mobilidade missionária. Assim, guiados

pelo Espírito Santo, construiremos uma comunhão na qual a rica e desafiante diversidade de Igrejas locais, escolas de teologia e correntes de espiritualidade, culturas e línguas, bem como as vocações leigas, clericais e consagradas, se tornam um verdadeiro Pentecostes.

39. A solidariedade missionária é uma resposta cristã com fundamento bíblico: está no coração do Novo Testamento (cf. At 2), onde os crentes colocavam todas as coisas em comum. As cartas de São Paulo destacam com frequência a importância do apoio mútuo entre as Igrejas: «se um membro sofre, sofrem com ele todos os membros» (1Cor 12,26). A missão, portanto, é hoje um ato de compaixão e de comunhão. Essa solidariedade missionária nos convida a uma colaboração fraterna que torne possível proclamar juntos o Evangelho e apoiar as comunidades em seus desafios locais. Por isso, a solidariedade missionária constitui um componente essencial e vital de nossa missão hoje.
40. Evangelizar um mundo globalizado, secularizado e, ao mesmo tempo, fragmentado continua sendo um grande desafio para a missão redentorista em nosso tempo. Para enfrentá-lo, é essencial cultivar e aprofundar nossa espiritualidade missionária. Isso exige unir a profundidade interior com a abertura ao mundo, permanecendo arraigados em nossa tradição de fé e, ao mesmo tempo, exercendo uma capacidade de adaptação criativa. Tais elementos nos permitem desenvolver o discernimento necessário para reconhecer a presença de Deus hoje nos acontecimentos, nas culturas, nos espaços de diálogo e nos

diversos movimentos sociais, ecológicos, de justiça e paz, de dignidade humana, entre outros. O Papa Francisco nos fala de uma espiritualidade do encontro: «O tempo é superior ao espaço» (EG, 222); «a realidade é mais importante que a ideia» (EG, 231).

- Não é esse o momento de revitalizar essa dimensão de nossa vida apostólica com novos métodos missionários, no espírito de uma Igreja em saída, como nos exorta o Papa Francisco?
- Por que a pregação das missões populares desapareceu em algumas regiões da Congregação?
- Como podemos levar a alegria do Evangelho ao mundo e às pessoas a quem servimos?
- Como ser missionários redentoristas em um mundo em constante transformação: globalizado, pluralista, secular, intercultural, multicultural e interconectado?
- Como ser verdadeiros agentes de comunhão no mundo de hoje?

VIII. UMA MISSÃO COMPARTILHADA COM OS LEIGOS

41. A implicação e participação de nossos colaboradores leigos na missão (*Missão Compartilhada*) será inestimável nesse processo de reinvenção e revitalização missionária. Esses

homens e mulheres de fé não apenas se caracterizam por sua dedicação, mas também oferecem uma riqueza de dons, habilidades e conhecimentos que desejam pôr ao serviço da missão redentorista.

42. Portanto, nossa *Missão Compartilhada* Redentorista, e o esforço para levá-la adiante, não podem ser entendidos simplesmente como uma resposta à diminuição do número de religiosos na Congregação ou na Igreja. Ao contrário, devemos reconhecer nela um dom que se revela dentro de nós e entre nós. O florescimento da *Missão Compartilhada* em nossa Família Redentorista é um sinal do dinamismo e do sopro do Espírito, que nos oferece a oportunidade de dar testemunho e anunciar a copiosa Redenção de modos novos e criativos, sempre em viés sinodal.
43. Sonhamos o futuro da missão redentorista como um dom de missão compartilhada com os leigos, na qual «caminhamos juntos», compartilhando a riqueza de nosso carisma e levando adiante, junto com os leigos e outras famílias religiosas, a missão confiada à Igreja. O carisma redentorista é um dom do Espírito para a Igreja e para o mundo. Não é um patrimônio fechado, e sim um dom que, movido pelo Espírito, integra-se harmonicamente para o bem de todo o Povo de Deus (cf. EG, 130). É um carisma vivo, que se renova constantemente no tempo (cf. EG, 131), para responder às realidades concretas da missão.
44. No contexto eclesial atual, requer-se de nós viver uma reciprocidade mais dinâmica entre homens e mulheres, leigos e consagrados, bem como entre nossas diversas

tradições culturais. Isto constitui um sinal de esperança em um mundo cada vez mais polarizado. Reimaginar nosso carisma implica também reimaginar nossas relações e nossa interdependência como corpo missionário, no qual religiosos e leigos compartilham a missão do Redentor. Uma missão compartilhada revela a beleza de nossa fé, de nossa vocação comum e de nossa Igreja, e nos ajuda a superar as atitudes clericalistas que não contribuem para o bem do corpo eclesial. Esse caminho exigirá que as Unidades e comunidades locais sejam criativas em seu planejamento e organização pastoral, afim de reconhecer, promover e animar os diversos ministérios leigos.

45. A *Missão Compartilhada* é uma das respostas que a Congregação oferece para viver de maneira concreta a nossa identidade como Igreja sinodal, Povo de Deus em missão. Essa iniciativa em colaboração com os leigos constitui já uma resposta ao isolamento das pessoas e ao mercado individualismo de nossa sociedade, que também se manifesta de múltiplas maneiras dentro da Igreja e da Congregação.

- Por que continuamos experimentando tantas dificuldades e temores para envolver plenamente a Família Redentorista (leigos, oblatos e congregações religiosas afins ao nosso carisma) na missão?
- Como podemos promover novas iniciativas missionárias nas quais consagrados e leigos descubram e explorem juntos novos caminhos de caminhar em e para a missão?



IX. MARIA, ICONE DO DISCIPULADO MISSIONÁRIO

46. Santo Afonso era consciente de que os missionários, *sacerdotes, irmãos e evangelizadores em geral*, deviam formar-se nas mesmas atitudes de proclamação, escuta e docilidade à graça que resplandecem em Maria. Em seus escritos indicava-a como a «figura» e o modelo de conformidade e participação na missão de Cristo. Afirmava que quem busca o Redentor deve recorrer sempre a Maria, e que quem encontra verdadeiramente Maria, inevitavelmente encontrará o Redentor.
47. Desde 1866, nossa Família Redentorista está «tornando Maria conhecida» sob o título de Nossa Mãe do Perpétuo Socorro. Porém, nosso mandato e missão com Ela *não se limitam* a torná-la conhecida. Hoje somos chamados a ir mais além: nossa missão deve ser acompanhar Maria em sua missão de discípula missionária de Jesus Redentor, para dá-lo a conhecer ao mundo. Essa missão significa caminhar, reunir, lutar e orar com os pobres, os abandonados, os feridos e os que sofrem.
48. Movidos pela esperança, confiamos a obra missionária da Congregação a Maria, a primeira a receber a plenitude da Redenção. Ela é também a primeira discípula missionária. Com seu «sim» à missão, abriu para toda a humanidade o caminho rumo à plenitude da Redenção. Como ela, também nós somos chamados a acolher a Palavra, a pô-la em prática (cf. Lc 8,21) e a proclamá-la nos novos *areópagos* e nas *Scalas* de nosso tempo.



CONCLUSÃO

49. A pergunta fundamental que cada um de nós, como missionários redentoristas, e todos os que fazemos parte da Família Redentorista devemos fazer-nos e responder com total sinceridade é esta: Queremos, como corpo missionário, passar para a outra margem, tal como nos convida o Redentor?
50. Esta *Communicanda* é um apelo a abraçar o futuro com esperança como um só corpo missionário. Todos os redentoristas, impelidos pelo espírito apostólico e inflamados pelo zelo de nosso fundador, somos chamados a continuar a tradição legada por nossos confrades e, ao mesmo tempo, a permanecer sempre atentos aos sinais dos tempos. «Todos os redentoristas, “como colaboradores, companheiros e ministros de Jesus Cristo na grande obra da redenção”: são enviados para anunciar aos pobres a Palavra da salvação ...» (Const. 2).
51. A missão redentorista continua sendo plenamente atual. Somos chamados a buscar constantemente novas formas de pregar o Evangelho e a renovar com fidelidade criativa aquelas que já existem. O XXVI Capítulo Geral apontou com clareza as características essenciais de nossa identidade missionária redentorista. Conscientes disto, e à luz das experiências pastorais e das prioridades missionárias e apostólicas das distintas Conferências, queremos discernir juntos os caminhos mais fecundos para sermos missionários eficazes neste mundo em transformação. Para tanto, precisamos renovar nossa

espiritualidade missionária. Essa *Communicanda* quer responder a essa necessidade: ser um apoio que anime e motive nossa vida missionária em meio às contínuas mudanças do mundo atual. É um apelo a comprometer-nos com esperança no serviço da missão da Congregação. Enquanto nos preparamos para celebrar em 2032 o 300º aniversário da fundação de nossa Congregação, pedimos a graça de experimentarmos cada dia a beleza e a alegria de sermos discípulos e missionários de Cristo Redentor.

52. Amados irmãos e irmãs da Família Redentorista, ao apresentar-lhes essas reflexões em nome e representação do Conselho Geral, junto com o Secretariado para a Evangelização e as comissões que o integran, manifesto-lhes minha profunda gratidão e os animo por tudo quanto realizam ao serviço da missão da Congregação. Continuemos rezando uns pelos outros e seguindo, unidos, pelo caminho da missão.
53. Que Deus, que nos chamou a seguir o Redentor e a continuar sua missão, nos guie sempre e nos abençoe com a abundância de sua graça e a força do Espírito Santo. E que Nossa Mãe do Perpétuo Socorro, Santo Afonso e todos os santos, mártires e beatos da Congregação nos acompanhem no caminho da missão, inspirando-nos com seu exemplo e intercessão para que nos transformemos em verdadeiros missionários da esperança, seguindo fielmente os passos do Redentor. Amém.

Em nome do Conselho Geral e do Secretariado para a Evangelização,

Fraternalmente em Cristo Redentor,

Pe. Rogério Gomes, C.Ss.R.
Superior Geral

Pe. Cristian Bueno, C.Ss.R.
Secretário Executivo para a Evangelização

Roma, 1º de outubro de 2025
Memória litúrgica de Santa Teresinha do Menino Jesus
(Padroeira das Missões e dos Missionários)

Original: inglês



CONGREGATIO SS. REDEMPTORIS

